

O COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO NAS PROPRIEDADES DE ARROZ

Cristina Keiko Yamaguchi, Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. E-mail: criskyamaguchi@gmail.com

Luciana Mandelli, Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. E-mail: lucianamandelli79@yahoo.com.br

Zeli Felisberto, Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. E-mail: zeli.eu@gmail.com

Área temática: 8. ECONOMIA RURAL E AGRICULTURA FAMILIAR

RESUMO

A agricultura familiar apresenta grande relevância para o desenvolvimento social e econômico do Brasil. A agricultura familiar é responsável pelo abastecimento de produtos agrícolas nos diversos mercados brasileiros. Apesar de sua participação significativa na produção agrícola e sua interação com outras atividades econômicas e sociais, estudos recentes realizados no sul do Brasil indicam que a agricultura familiar está perdendo os seus sucessores com os jovens mudando do meio rural para a zona urbana. Neste sentido, a pesquisa busca conhecer se as Comunidades de Práticas (CoP) contribuem na transferência e compartilhamento de conhecimento na propriedade do cultivo do arroz no município de Forquilha, Santa Catarina. Os procedimentos metodológicos realizados foram: revisão de literatura; aplicação de um questionário semiestruturado a 25 agricultores situados na região de Forquilha (Santa Catarina), no período compreendido entre dezembro/2013 a Fevereiro/2014. Nas entrevistas, foi apontado que os agricultores receberam do seu pai o conhecimento sobre o cultivo de arroz, este conhecimento foi repassado na prática, no dia-a-dia, diretamente no campo. E que as comunidades de práticas foram evidenciadas quando promovem o “dia de campo”, onde os produtores, cooperativas e outros órgãos governamentais trocam de conhecimentos e novas tecnologias. Conclui-se que o cultivo de arroz encontra-se em poder dos pais que não incentivam seus futuros sucessores a permanecerem no campo, em virtude das dificuldades e falta de apoio na agricultura familiar. Assim, sugere-se que sejam realizados mais estudos no sentido de aprofundar a compreensão das Comunidades de Práticas em diferentes áreas. Outra oportunidade para melhor compreensão deste processo de conhecimento seria identificar e analisar as diversas culturas que fomentam, facilitam ou dificultam as CoP por meio de alguns questionamentos, tais como: (1) Quais tipos de culturas organizacionais que são mais favoráveis para implementar uma Comunidade de Prática? (2) A cultura de organizações familiares facilita ou dificulta as Comunidades de Prática?

Palavras-chave: Compartilhamento de conhecimento. Agricultura familiar do arroz. Comunidades de prática.

ABSTRACT

Family farms are highly relevant to the social and economic development of Brazil. Family farming is responsible for the supply of agricultural products in several Brazilian markets. Despite its significant participation in agricultural production and its interaction with other economic and social activities, recent studies conducted in southern Brazil indicate that family

farmers are losing their successors with young people moving from rural to urban area. In this sense, the research seeks to know whether the Communities of Practice (CoP) contribute to the transfer and knowledge sharing in the ownership of rice cultivation in the municipality of Forquilha, Santa Catarina. The methodological procedures were: literature, applying a semi-structured questionnaire to 25 farmers located in the region of Forquilha (Santa Catarina), the period from December/2013 to February/2014. In the interviews, it was noted that farmers received his father's knowledge of rice cultivation, this knowledge was passed on in practice on a day- to-day, directly in the field. And that communities of practice were evident when they promote the "field day", where producers, cooperatives and other governmental exchange of knowledge and new technologies. It is concluded that rice cultivation lies in the hands of parents who do not encourage their future successors to remain in the field, due to the difficulties and lack of support in family farming. Thus, it is suggested that further studies be undertaken to deepen the understanding of Communities of Practice in different areas. Another opportunity for better understanding of this process of knowledge would identify and analyze the various cultures that promote, facilitate or hinder the CoP through some questions, such as: (1) What types of organizational cultures that are more favorable to implement a Community practice? (2) The culture of family organizations facilitates or hinders the Communities of Practice?

Keywords : Knowledge sharing . Family farming rice . Communities of practice.

1 INTRODUÇÃO

O atual cenário econômico é cada vez mais caracterizado pelo conhecimento como um elemento-chave para melhorar e promover a inovação e a competitividade das organizações (DANGELICO; GARAVELLI; PETRUZZELLI, 2010). Encontrar alternativas que ajudem a criar informações e conhecimentos na agricultura familiar, além de poder levar a uma nova oportunidade para o compartilhamento de conhecimentos entre o produtor de arroz e o futuro sucessor da propriedade e outras áreas com interesses semelhantes, tais como a tomada de decisão organizacional, a construção de sistemas de informações a fim de garantir a competitividade do produtor de arroz.

Neste sentido, Saraceni et al (2012), afirma que a informação e o conhecimento compõem recursos fundamentais na gestão do conhecimento e no desenvolvimento econômico e produtivo.

O processo de compartilhamento de conhecimento é visto como contínuo através do qual transcende o limite entre os indivíduos. Tal processo envolve a interação entre indivíduos, grupos e organização (NONAKA; TAKEUCHI, 1998; POPADIUK; CHOO, 2006).

Estudos de Schommer (2005), afirmam que as interações propiciam oportunidades de aprendizagem individual, sobretudo no âmbito de comunidades de prática. E que a aprendizagem e a articulação de diferentes saberes potencializam-se mutuamente e que ambas são propiciadas em situações que envolvem o engajamento de pessoas de diferentes formações e trajetórias em torno de práticas e empreendimentos compartilhados.

Contudo, nas pesquisas efetuadas na literatura acadêmico-científica, não foram encontrados estudos que demonstrem que as teorias de gestão do conhecimento e de comunidades de práticas podem contribuir para tornar o processo de sucessão da agricultura familiar mais eficaz e útil para a propriedade de arroz. Entretanto, pouco se sabe como o compartilhamento de conhecimento entre o produtor e o sucessor da propriedade é utilizado para compartilhar conhecimento e se possibilita criar novos conhecimentos na propriedade rural.

Com este enfoque, o presente artigo busca conhecer se as Comunidades de Práticas (CoP) contribuem na transferência e compartilhamento de conhecimento na propriedade do cultivo do arroz no município de Forquilha, Santa Catarina

2. GESTÃO DO CONHECIMENTO

Gestão do Conhecimento trouxe novo ferramental conceitual, gerencial e de informática, permitindo às pequenas e médias empresas (PMEs) dar um melhor tratamento ao “conhecimento” que é a principal matéria-prima que garante a diferenciação e a competitividade.

A compreensão do que vem a ser Gestão do Conhecimento implica, necessariamente, na coordenação sistêmica de esforços em vários planos: organizacional e individual, estratégico e operacional, e normas formais e informais. Em particular, quando se fala em Gestão do Conhecimento, é necessário discutir várias dimensões: (1) papel da alta administração; (2) novas práticas de organização do trabalho; (3) desenvolvimento de processos específicos para facilitar a geração, a organização, a disseminação e a reutilização de conhecimentos organizacionais; (4) práticas e políticas de administração de recursos humanos; (5) novas tecnologias de informação e comunicação; (6) novas formas de medir resultados organizacionais; e (7) novas formas de aprendizado com o ambiente (TERRA, 2001).

Consideram-se quatro elementos totalmente interligados para o aprendizado organizacional: (1) a aquisição de conhecimento, (2) a distribuição da informação, (3) a interpretação da informação e (4) a memória organizacional (TERRA, 2001).

A Gestão do Conhecimento, de acordo com os autores Nonaka e Takeuchi (1997), é o processo de conversão do conhecimento individual, constituído de ações relacionadas à criação do conhecimento a fim de assegurar a sustentabilidade da organização. Para Davenport e Prusak (1998), é uma mistura fluida de experiência; uma coleção de processos que objetivam a criação e o uso do conhecimento para atingir os objetivos organizacionais. Choo (2003) completa que é a organização que possui informações e conhecimentos que a tornam bem informada e que lhe conferem vantagem. Para Mitri (2003) o conhecimento é composto de fatos, ideias, modelos e informações. Já para Melo (2003), a GC tem o propósito de perpetuar experiências preciosas, pois se trata da implantação de modelos específicos projetados para cada situação ou finalidade. E Song, Bid e Weggeman (2006) afirmam que a Gestão do Conhecimento é entendida como a informação que foi validada por experiência que entrou na organização e que tem provado ser benéfica para o desempenho desta.

Portanto, a Gestão do conhecimento é um processo que trata da conversão do conhecimento por meio de ações relacionadas à criação e à disseminação desse conhecimento, que lhe conferem uma vantagem benéfica para organização a fim de assegurar a sustentabilidade dela (CHOO, 2003; NONAKA; TAKEUCHI, 1997; SONG; BID; WEGGEMAN, 2006).

A partir de um levantamento realizado na literatura, foi observado que Nonaka e Takeuchi (1997), identificam e compreendem como acontece a criação de conhecimento nas organizações, da seguinte forma:

1. Aumento da base de conhecimentos tácitos de um indivíduo.
2. Uso da socialização para transferir esse conhecimento a toda a organização, liberando o conhecimento tácito do indivíduo.
3. Difusão interativa do conhecimento entre os diferentes níveis da organização.
4. Aumento da variedade de requisitos, reestruturação da organização e introdução do caos criativo na organização.
5. Criação de nova tecnologia e de novos processos que exigem inovação contínua.

O conhecimento atinge igual importância e equipara-se a um recurso de poder de competitividade nas organizações que possuem a capacidade de criar um novo conhecimento e difundi-lo em sua totalidade.

Há um reconhecimento crescente de que a chave para a criação de conhecimento reside na interligação entre o conhecimento tácito e o explícito. Nesse contexto, a Gestão do Conhecimento é vista como um agente facilitador, permitindo às organizações se desenvolverem e serem mais competitivas. O conhecimento é um misto de experiências, valores e informação contextual que fornece uma estrutura para avaliar e incorporar novas experiências e informação. É aplicado na mente das pessoas, da qual se origina.

2.2 COMUNIDADES DE PRÁTICA (COP)

O conceito de comunidade de prática (CoP) foi cunhado como um grupo de indivíduos que se reúnem periodicamente, por possuírem um interesse comum no aprendizado e na aplicação do que foi aprendido (WENGER, 1998).

Para Wenger (1998), as Comunidades de prática são formadas por pessoas que se envolvem em um processo de aprendizado coletivo em um domínio compartilhado do esforço humano, sejam eles conhecimentos de novas técnicas ou conhecimentos semelhantes. A definição de CoP permite, mas não assume, a intencionalidade, pois a aprendizagem pode ser a razão pela qual a comunidade se reúne ou um resultado incidental de interações membro. Nem tudo chamado de comunidade é uma comunidade de prática. Um bairro por exemplo, é muitas vezes chamado de comunidade, mas geralmente não é uma comunidade de prática. O Quadro 1, mostra as três características fundamentais para evidenciar as Comunidades de Práticas.

Quadro 1: Três características fundamentais da CoP

Domínio	tem uma identidade definida por um domínio compartilhado de interesse e uma competência partilhada entre as pessoas
Comunidade	os membros envolve-se em atividades e discussões conjuntas, ajudam uns aos outros, e compartilham informações. Eles constroem relações que lhes permitam aprender com uns aos outros, não necessariamente trabalham juntos numa base diária
A prática	desenvolvem um repertório compartilhado de recursos: experiências, histórias, ferramentas, formas de abordar problemas recorrentes, em suma uma prática compartilhada

Fonte: Wenger (1998)

Nesta mesma linha, Schommer (2005), afirma que reconhecer a aprendizagem gerada em comunidades de prática pode influenciar desenhos de programas de formação e de intervenção. A estrutura educacional atual, que privilegia ensino e desempenho individual, está baseada, na concepção de que a aprendizagem acontece na mente dos indivíduos. Afirma

ainda que na medida em que se amplia o reconhecimento de que a aprendizagem é propiciada por interações sociais, de acordo com a abordagem social da aprendizagem, há tendência de crescer a valorização a diferentes tipos de atividades nas universidades. E podem provocar mudanças significativas, tanto na identidade dos seus integrantes, como na universidade como um todo e em suas relações com a sociedade.

Os estudos nestas áreas se intensificaram e passou a exigir da organização a geração, a aquisição e o compartilhamento do conhecimento, para melhorar as habilidades de seus integrantes e sua capacidade de tomar decisões mais eficientes. Nas pesquisas realizadas por Vieira (2006), mostram que as comunidades de prática são ferramentas importantes no processo de aprendizagem. Sobretudo no que diz respeito à geração de benefícios organizacionais, grupais e individuais. No entanto, deve-se considerar, diante das suas características informais, que elas não podem surgir “do nada”, não obstante, podem ser estimuladas e mantidas por meio de recursos organizacionais.

Vieira (2006) destaca ainda que as CoP têm como característica principal, a informalidade. Apesar de tantos benefícios proporcionados por elas, só podem ser criadas a partir de grupos informais já existentes, e mesmo assim, sua criação e desenvolvimento podem apenas ser estimulados e não impostos pela organização. Caso isto aconteça, os envolvidos podem perder a motivação de colaborarem com suas atividades. Tais comunidades precisam ter um sentido para seus integrantes.

2.3 PRODUÇÃO DE ARROZ EM SANTA CATARINA E NO RIO GRANDE DO SUL

O estado do Rio Grande do Sul é o produtor brasileiro de arroz, sendo responsável por 61,0% da produção, o estado de Santa Catarina fica em segundo lugar, com 8,4%, em seguida Maranhão, com 5,8% e o Mato Grosso, com 5,7%. Nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina há o predomínio do arroz irrigado, por isso são detentores das maiores produtividades nacionais com 7.050 e 6.700 quilos por hectares, conforme informativo agropecuário (CEPA, 2009).

O estado de Santa Catarina é o segundo estado com maior produtividade de arroz irrigado da região Sul – e também do Brasil, estando atrás apenas do Rio Grande do Sul. Em 2010, o estado catarinense produziu 1.041.587 toneladas de arroz (9,2% da produção nacional), em uma área de 150.473 km² (5,4% da área de cultivo de arroz no Brasil) (CEPA; EMBRAPA, 2011). Além disso, cabe ressaltar que, de acordo com a CEPA e a EPAGRI, ao

contrário do Rio Grande do Sul, onde há uma maior concentração de grandes produtores, 64% da produção de arroz de Santa Catarina é oriunda da agricultura familiar (EMBRAPA, 2011).

Não obstante, “a quase totalidade do arroz produzido no Rio Grande do Sul e Santa Catarina apresenta tipo de grão longo-fino de alta qualidade de cocção, características exigidas no mercado brasileiro, principalmente nas regiões Sul e Sudeste” (EMBRAPA, 2011). Além do exposto, segundo afirmação da EMBRAPA, “cerca de 12% do arroz produzido no RS e 30% da produção de Santa Catarina são consumidos nos respectivos Estados, o restante é exportado para os demais centros consumidores”.

Conforme dados apresentados pela EPAGRI (2012), a produção de arroz irrigado de Santa Catarina é distribuída em cinco regiões distintas, de acordo com suas condições geográficas e edafoclimáticas. São elas o Alto, Médio e Baixo Vale do Itajaí, Litoral Norte e região Sul de Santa Catarina.

A região sul de Santa Catarina, por sua vez, está dividida em dois grupos específicos, sejam eles a Associação de Municípios da Região Carbonífera (AMREC), composta por Cocal do Sul, Criciúma, Forquilha, Içara, Lauro Muller, Morro da Fumaça, Nova Veneza, Orleans, Siderópolis, Treviso e Urussanga; e a Associação de Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC), composta por Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Jacinto Machado, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, Santa Rosa do Sul, Sombrio, Timbé do Sul e Turvo.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa tem como base metodológica a taxionomia apresentada por Vergara (2009), que a qualifica em relação a dois aspectos: quanto aos fins e quanto aos meios de investigação.

A pesquisa é caracterizada como um estudo exploratório com abordagem qualitativa e quanto aos meios de investigação classifica-se como bibliográfica. Os meios de investigação para a pesquisa bibliográfica serão utilizados fontes secundárias como: artigos científicos (nacionais e estrangeiros), teses, dissertações, livros e sites. Quanto aos fins a pesquisa é caracterizada como descritiva. Também possui caráter qualitativo, uma vez que será utilizado o método de estudo de caso na condução de sua investigação. A essência do estudo de caso é “a tentativa de iluminar uma decisão ou conjunto de decisões: por que elas foram tomadas, como foram implementadas e com que resultado” (YIN, 2005). Ainda segundo o autor, a preferência pelo uso do estudo de caso deve ser dada quando do estudo de eventos

contemporâneos, em situações nas quais os comportamentos relevantes não podem ser manipulados, mas em que é possível se fazerem observações diretas e entrevistas sistemáticas. A revisão teórica ocorre por meio de abordagens da gestão do conhecimento, além das principais abordagens de comunidades de prática (CoP) e produção de arroz.

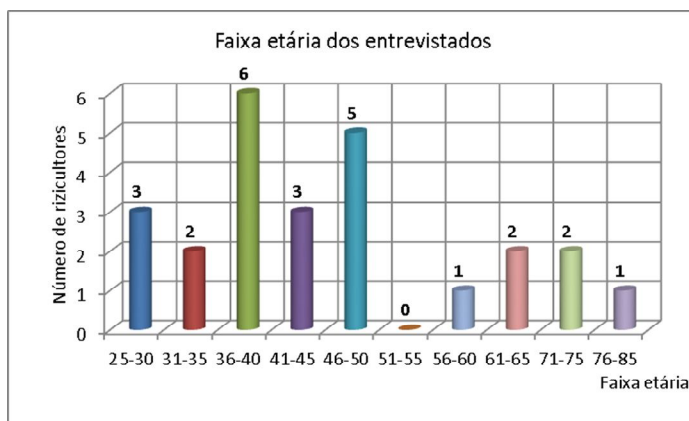
A pesquisa teve por objetivo conhecer se as Comunidades de Práticas (CoP) contribuem na transferência e compartilhamento de conhecimento na propriedade do cultivo do arroz no município de Forquilha, Santa Catarina. Os procedimentos metodológicos realizados foram: revisão de literatura; aplicação de um questionário semiestruturado a 25 agricultores situados na região de Forquilha (Santa Catarina), no período compreendido entre dezembro/2013 a Fevereiro/2014.

A análise da pesquisa será abordada pelas três características apontadas por Wenger (1998).

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Serão descritos os resultados das entrevistas para avaliar se as três características das Comunidades de Prática (CoP) aparecem como meio de compartilhamento de conhecimento na propriedade de arroz do município de Forquilha – SC. De forma a manter o anonimato dos participantes da pesquisa, a autoria das falas é referenciada pela faixa etária dos donos da propriedade. A Figura 2 mostra a faixa etária dos produtores entrevistados.

Figura 2: Faixa etária dos rizicultores entrevistados



Fonte: dados da pesquisa

A primeira questão levantada foi identificar a faixa etária dos entrevistados, sendo que predomina 24% dos entrevistados na faixa de 36 a 40 anos, seguido de 20% dos entrevistados na faixa dos 46 a 50 anos. A Figura 3 mostra o tempo de experiência dos entrevistados.

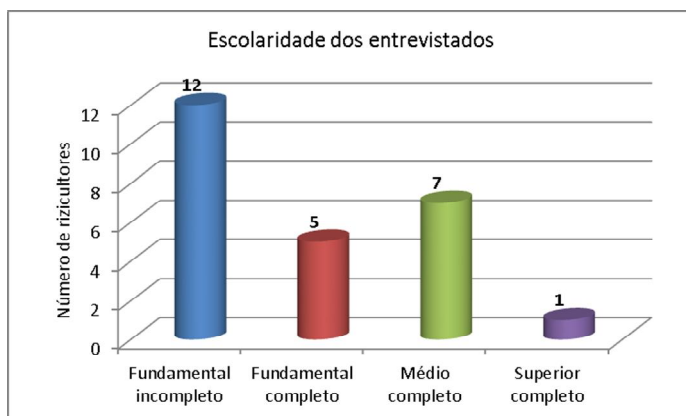
Figura 3: tempo de experiência dos entrevistados na rizicultura



Fonte: dados da pesquisa

Sobre o tempo de experiência dos rizicultores, 36% encontram na faixa de 15 a 20 anos de experiência na rizicultura, seguido dos períodos subsequentes na média de 12%. Quanto ao nível de escolaridade dos entrevistados, os resultados são apontados na Figura 4.

Figura 4: Escolaridade dos entrevistados



Fonte: dados da pesquisa

No que se refere a escolaridade dos entrevistados, 48% possui o fundamental incompleto, seguido de 20% de fundamental completo; 28% do médio completo e 4% com curso superior completo.

Após a aplicação da entrevista, por meio da qual se buscou verificar como acontece e como foi observado o papel das (Cop) na transferência e compartilhamento de conhecimento dos sucessos na propriedade do cultivo de arroz, a transcrição das entrevistas foi dividida em categorias para facilitar a compreensão dos resultados. A avaliação dessas categorias foi fundamentada em conceitos sustentados por Wenger (1998). A pesquisa consegue avaliar as perguntas e respostas das entrevistas efetuadas junto aos agricultores de arroz e reconhecer por meio das respostas obtidas, a existência ou não de Comunidades de Práticas na agricultura familiar, através das técnicas levantadas na literatura de acordo com o Quadro 1.

A seguir, são detalhadas e discutidos esses resultados, distribuídos em 3 categorias:

a) Categoria 1 – Domínio

De acordo com os conceitos da revisão de literatura, o domínio ocorre quando há uma identidade definida por um domínio compartilhado de interesse e uma competência partilhada entre as pessoas (WENGER, 1998). Neste sentido, pode-se constatar que o domínio quando o entrevistado afirmou que recebeu o conhecimento das técnicas de cultivo de arroz na prática com o pai e falando sobre o assunto no dia-a-dia.

b) Categoria 2 – Comunidade

Segundo a revisão de literatura, a comunidade ocorre quando os membros envolvem-se em atividades e discussões conjuntas, ajudam uns aos outros, e compartilham informações. Eles constroem relações que lhes permitam aprender com uns aos outros, não necessariamente trabalham juntos numa base diária (WENGER, 1998). De acordo com as entrevistas, percebe que a comunidade fica evidente quando os entrevistados afirmaram que os conhecimentos são discutidos entre os vizinhos, quando trocam experiências conjuntas dos problemas e soluções que surgiram nas propriedades. Foram destacados também, os encontros com os engenheiros agrônomos, em palestras técnicas, falando sobre o assunto no “dia de campo”, que trata do encontro para repasse de novas tecnologias e debates para troca de informações das propriedades.

3) Categoria 3 - A prática

O autor pesquisado afirma que a prática desenvolve um repertório compartilhado de recursos: experiências, histórias, ferramentas, formas de abordar problemas recorrentes, em suma uma prática compartilhada (WENGER, 1998). Os entrevistados afirmam que no “dia de campo”, é o evento onde os produtores encontram e trocam experiências entre os participantes e adquirem novos conhecimentos e novas tecnologias, há a interação entre os produtores que afirmam que as demonstrações práticas e troca de experiências ocorre quando o grupo “falam sobre os negócios” ou “falam sobre o assunto”.

As Comunidades de Práticas (CoP) de Wenger (1998) interage com as teorias de Nonaka e Takeuchi (1997), quando afirmam que a criação de conhecimento acontecem quando ocorrem: (1) Aumento da base de conhecimentos tácitos de um indivíduo; (2) Uso da socialização para transferir esse conhecimento a toda a organização, liberando o conhecimento tácito do indivíduo; (3) Difusão interativa do conhecimento entre os diferentes níveis da organização;

(4) Aumento da variedade de requisitos, reestruturação da organização e introdução do caos criativo na organização e (5) Criação de nova tecnologia e de novos processos que exigem inovação contínua.

6. CONCLUSÕES

Apesar de os entrevistados não conhecerem metodologicamente os conceitos difundidos por Wenger (1998) na fundamentação teórica aqui apresentada, pôde-se observar que os agricultores reconhecem as Comunidades de Prática quando os rizicultores afirmaram que os conhecimentos sobre o cultivo de arroz foram recebidos do seu pai, e este conhecimento foi repassado na prática, no dia-a-dia, diretamente no campo. E que as comunidades de práticas foram evidenciadas quando promovem o “dia de campo”, onde os produtores trocam informações quando “falam sobre o assunto”. Os grupos de rizicultores buscam trocar experiências com produtores vizinhos, repassando seus erros e acertos praticados na sua propriedade. Os entrevistados relataram que acontecem os encontros com a participação das cooperativas e outros órgãos governamentais para adquirir novos conhecimentos e novas tecnologias.

Pode-se afirmar que a teoria criação de conhecimento de Nonaka e Takeuchi (1997), interage com o levantamento realizado na literatura sobre Comunidades de Práticas (CoP) de Wenger (1998), quando o propósito dos estudiosos voltam para o aumento de conhecimentos dos indivíduos com o propósito incorporar novas experiências e informações para melhorar a competitividade e inovação contínua nas propriedades da agricultura familiar.

Conclui-se que o cultivo de arroz encontra-se em poder dos pais que não incentivam seus futuros sucessores a permanecerem no campo, em virtude das dificuldades e falta de apoio na agricultura familiar.

Assim, sugere-se que sejam realizados mais estudos no sentido de aprofundar a compreensão das Comunidades de Práticas em diferentes áreas. Outra oportunidade para melhor compreensão deste processo de conhecimento seria identificar e analisar as diversas culturas que fomentam, facilitam ou dificultam as CoP por meio de alguns questionamentos, tais como: (1) Quais tipos de culturas organizacionais que são mais favoráveis para implementar uma Comunidade de Prática? (2) A cultura de organizações familiares facilita ou dificulta as Comunidades de Prática?

REFERÊNCIAS

BASILIO, Carlos Antonio. **A sucessão na agricultura familiar: o caso dos universitários filhos de produtores no município de Jaru-RO**. 2009. 56 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, 2009.

CEPA - CENTRO DE SOCIOECONOMIA E PLANEJAMENTO AGRÍCOLA. 2011. **Arroz** – Situação da rizicultura catarinense. Disponível em: <
http://cepa.epagri.sc.gov.br/Informativos_agropecuarios/arroz/arroz_10.03.2011.htm?option=com_content&view=article&id=1215:agropecuaria-catarinense-tem-cenario-positivo-para-2010&catid=34:noticias-epagri&Itemid=51>
Acesso em: 16 mar. 2014.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2003.

DANGELICO, R. M.; GARAVELLI, A. C.; PETRUZZELLI, A. M. A system dynamics model to analyze technology districts' evolution in a knowledge-based perspective. **Technovation**, Italia, v. 30, n. 1, 142-153, Mar. 2010.

DAVENPORT, T.H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

EMBRAPA - EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA **Importância econômica, agrícola e alimentar do arroz**. Nov. 2005. Acesso em: 05 abr. 2012

EPAGRI - EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA. **Situação da Rizicultura Catarinense**. 2011. *Op. cit.* Acesso em: 05 abr. 2012.

MELO, L. E. V. de. **Gestão do conhecimento**: conceitos e aplicações. São Paulo: Érica, 2003.

MITRI, M. A. Knowledge management framework for curriculum assessment. **Journal of Computer Information Systems**, [S.l.], v. 43, n. 4, p. 15-24, 2003.

NONAKA, I; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa**. 16. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

-----, **The knowledge-creating company**: how Japanese companies create the dynamics of innovation. New York: Oxford University Press, 1995.

POPADIUK, S.; CHOO, C. W. Innovation and knowledge creation: how are these concepts related?. **International Journal of Information Management**, v. 26, n. 4, p. 302-312, Aug. 2006.

SARACENI, A., et al. Gestão do conhecimento como estratégia de desenvolvimento econômico e regional. **VÉRTICES**, Campos dos Goytacazes/RJ, v.14, n. 3, p. 117-130 set./dez. 2012.

SCHOMMER, Paula Chies. **Comunidades de prática e articulação de saberes entre universidade e sociedade**. 2005. 344 f. Tese (Doutorado em Administração). Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2005.

SONG, M.; BIJ, H. van der; WEGGEMAN, M. Factors for improving the level of knowledge generation in new product development. **R & D Management**, [S.l.], v. 36, n. 2, p. 173-87, Mar. 2006.

TAKIMOTO, T. **Afinal, o que é comunidade de prática?** 2012. Disponível em: <<http://www.sbgc.org.br/sbgc/blog/afinal-que-e-uma-comunidade-pratica>. Acesso em: 16 mar. 2014.

TERRA, J. C. C. **Gestão do conhecimento: o grande desafio empresarial**. São Paulo: Negócio, 2001.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2009.

VIEIRA, N. S. O papel das comunidades de prática na aprendizagem organizacional. **Anais.. III SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**. 2006. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/artigos06/557Artigo%20final%20de%20aprendizagem%20Seget.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

WENGER, E. **Communities of practice: a brief introduction**. Cambridge University press, 1998.

YAKHLEF, A. Immobility of tacit knowledge and the displacement of the locus of innovation. **European Journal of Innovation Management**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 227-239, 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.